

TERRORISMO MODERNO E FUNDAMENTALISMO RELIGIOSO: UMA ERA DE INCERTEZAS NO ÂMBITO GLOBAL

MODERN TERRORISM & RELIGIOUS FUNDAMENTALISM: AN AGE OF UNCERTAINTIES IN A
GLOBAL CONTEXT

Leodefane Bispo da Silva¹

SILVA, L. B. da. Terrorismo moderno e fundamentalismo religioso: uma era de incertezas no âmbito global. **Akrópolis**, Umuarama, v. 23, n. 2, p. 181-189, jun./jul. 2015.

RESUMO: A manhã de 11 de setembro de 2001, inaugurou na história do século 21, a era das incertezas, nas relações historicamente já conflituosas entre Ocidente e Oriente. O atentado às torres do World Trade Center, tornou-se aos olhos do mundo, uma materialização cinematográfica do terror, onde ideologias religiosas e políticas se mesclavam, refletindo mais uma vez na história, o choque entre duas grandes civilizações. O presente artigo, pretende analisar os antecedentes históricos das três grandes religiões monoteístas: cristianismo, islamismo, judaísmo e o terrorismo moderno como ferramenta de coerção social. Nesse contexto vale ressaltar que o papel dos meios de comunicação tiveram grande relevância no sentido de proporcionar aos diversos países do mundo, em tempo real, uma cena “dantesca”, onde milhares de vidas se tornaram alvo. Priorizamos como fontes, várias publicações posteriores ao evento, onde intelectuais como Umberto Eco, Jacques Le Goff, Slavoj Zizek, Samuel Huntington, Edward Said, Salman Rushdie, Hobsbawm e outros imprimem suas opiniões e perspectivas a partir do grande fato histórico.

PALAVRAS-CHAVE: Monoteísmo; Terrorismo; Religião; Choque cultural.

ABSTRACT: The morning of September 11, 2001 ushered the era of uncertainties in the historically conflicting relations between East and West in the history of the 21st century. The attack on the World Trade Center became, to the eyes of the world, a cinematic materialization of terror, where religious and political ideologies mingled, reflecting once again the clash between two great civilizations. This article aims to analyze the historical background of the three great monotheistic religions: Christianity, Islamism, Judaism, and modern terrorism as a social coercion tool. In this context, it is important to emphasize that the role of the media has had great importance in order to provide countries around the world, in real time, with a “Dantesque” scene, where thousands of lives were targeted. The main sources of this study were several publications made after the event, where intellectuals such as Umberto Eco, Jacques Le Goff, Slavoj Zizek, Samuel Huntington, Edward Said, Salman Rushdie, Hobsbawm and others express their opinions and perspectives on that great historical fact.

KEYWORDS: Monotheism; Terrorism; Religion; Culture shock.

¹Especialista em História Contemporânea da América Latina pela Unipar- Universidade Paranaense e em História e Humanidades pela Universidade Estadual de Maringá. Docente do curso de História da UNIPAR- Universidade Paranaense.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem por objetivo abordar um estudo sobre o terrorismo como instrumento religioso, tendo como fonte de análise: publicações literárias, artigos e ensaios publicados no *Jornal Folha de São Paulo* e na *Revista Veja*, assinados por: Umberto Eco, Alan Tourine, Slavoj Žižek, Edward Said, Ramzi Yousef, entre outros. Tais análises - sobre o “atentado do século” - foram publicadas nos dias posteriores ao ataque das torres gêmeas do *World Trade Center* e serviram como fonte da pesquisa.

O ataque terrorista, em questão, ficou registrado como um dos mais trágicos da história do início do século XXI. Ao abordar o terrorismo pautado no fundamentalismo religioso, este artigo discute os conflitos nesses tempos líquidos, pós-modernidade, como concebeu Bauman (ANO), ao afirmar que a separação e o iminente divórcio entre o poder e a política, a dupla da qual se esperava, desde o surgimento do Estado moderno e, até muito recentemente, que compartilhasse as fundações do Estado-nação “até que a morte os separasse”. Grande parte do poder de agir, efetivamente, antes disponível ao Estado moderno, agora se afasta na direção de um espaço global (BAUMAN, 2007, p. 8). Nesse aspecto, as ações orquestradas pelos grupos terroristas atingiram uma dimensão global, resultando em insegurança, medo e impotência dos Estados-nação. Os diversos conflitos globais estão irrigados pelas três principais religiões monoteístas do mundo: Judaísmo, Cristianismo e Islamismo. Esses eventos persistem em sangrar inúmeras sociedades, tendo o radicalismo religioso como um dos principais geradores do terrorismo moderno, que - diariamente - acumula a anulação de milhares de vidas, aumentando a proliferação de atentados e de campos de refugiados pelo mundo, ao longo de suas ações. Esse fundamentalismo legitima a barbárie frente à civilização. Percebe-se que as feridas desses conflitos permanecem profundas e distantes de qualquer possibilidade de cura, pois o terror religioso constitui-se uma poderosa força ideológica indiferente à vida, aos valores morais, éticos e às instituições. Nesse aspecto, a imprensa mundial, em especial os grandes jornais do mundo, constituem uma importante fonte de pesquisa para o historiador, conforme Le Goff:

A corrente historiográfica dos *Annales* na dé-

cada de 1970 alterou o campo de atuação do historiador, conduzindo-os a novos rumos, a trilhar novos caminhos. A utilização dos impressos resulta justamente dessa renovação da própria disciplina, significa, ao menos, que tais mudanças provocaram rupturas epistemológicas ao conhecimento histórico, constituindo-se entre outros uma “revolução documental” (LE GOFF, 210, p. 531)

O ataque terrorista contra as torres em Nova York, e contra o edifício do Pentágono, em Washington, inaugurou uma nova série de indagações por meio da imprensa mundial quanto ao futuro e à realidade dos Estados soberanos frente a esse inimigo invisível: o terrorismo moderno, vestido do radicalismo religioso, que, refletindo uma nova cruzada reproduz o choque entre cristãos e muçulmanos.²

A cultura é uma entidade extremamente fluída, uma tendência e uma busca, antes de ser algo definitivo e acabado. Nesse processo a religião representa um aspecto universalizante do processo cultural, levando ao interesse do historiador, que parte para buscar a compreensão sobre todos os aspectos que formaram a sociedade em que vivemos, bem como os complexos eventos sociais.

Franklin Baumer³ deixa evidente que tipo de ideias religiosas move o homem, se existe uma categoria transcendental para a vida humana; se o homem vive em um universo desprovido de sentido ou se o universo preocupa-se com o homem e se, de alguma forma, comanda e determina seu destino.

A religião, seja no contexto do judaísmo, do cristianismo ou do islamismo, não tem por base o conhecimento direto, mas a teologia. O papel da teologia é, portanto, explicar a experiência religiosa, determinando seus significados. Nesse aspecto, cabe a ela desenvolver dogmas, proibições, sanções, ritos e rituais, mas nessa linha, ela inclina-se a se tornar uma edificação intelectual, perdendo contato com a sua intenção básica, transformando-se em uma instituição social, cultural e política.

Desde o século VII, o islamismo tem dominado o Oriente Médio e hoje a presença do islamismo se faz maciçamente em diversos países do mundo. “Islã” é uma palavra árabe que os muçulmanos geralmente explicam como sig-

²VEJA. São Paulo, n. 1718, set. 2001. Edição Especial.

³BAUMER, Franklin. História do pensamento europeu moderno. Lisboa: Edições 70, V.I e II, 1990.

nificado de “entrega”, isto é, a entrega do crente a Deus. (LEWS, 1996). O termo aplica-se à religião árabe, fundada por Maomé, no século VI. Islã quer dizer “submissão”. Conforme Azevedo (ANO), todos que seguem a religião sentem-se efetiva e culturalmente integrados e submetidos à vontade de Alá. Majoritariamente asiático e significativamente expandido na África, o Islã é uma realidade político-religiosa de enorme importância. Nascida na cidade de Meca, na Península Arábica, no século VI, pela pregação de Maomé, a doutrina islâmica está contida num livro sagrado, o Corão, que contém o pensamento do profeta, embora não tenha sido escrito por ele. O monoteísmo, a prece, a esmola, o jejum e a peregrinação à Meca são seus princípios básicos. A essas práticas fundamentais, acrescenta-se outro dever: a guerra santa (jihad), necessária para conduzir o indivíduo à verdadeira fé. (AZEVEDO, 1997, p.238).

O ódio religioso, pautado pela entrega nas três vertentes religiosas, reproduz confrontos culturais similares. Para os muçulmanos, Maomé era o selo dos profetas, o último de uma série de homens divinamente escolhidos, cada um dos quais trouxeram um livro de revelação. A Torá judaica, os Salmos e o evangelho traduzidos por profetas como Davi, Moisés e Jesus. Maomé, o último dos profetas, na visão muçulmana, foi o maior de todos eles e o seu livro o Corão, completava e substituía todas as revelações anteriores. Essa visão dos muçulmanos entra em contradição com cristãos e judeus que, da mesma forma, dão maior importância para seus livros, os quais, historicamente, deram base para os escritos sagrados do islã.

A religião como elemento de coerção, busca justificar-se nos dogmas presentes em seus textos sagrados. Quando reportamos às doutrinas, lembramo-nos de Marcel Simon e Andre Benoit⁴, sobre o judaísmo e o cristianismo antigo, esses autores, priorizavam, em seus estudos sobre doutrina, esse conceito essencial para compreender as ações e atuações dessas grandes religiões monoteístas que inundaram todas as sociedades do mundo antigo e contemporâneo.

O terrorismo como reflexo das ideologias religiosas produziu, ao longo da história, mais vítimas que as duas guerras mundiais, pois não há antídoto contra esse mal, frente à sua origem,

sua causa e efeito, que está intrínseco nas próprias ambições e natureza humana. Esse termo está cercado de diversas formas de persuasão, coação ou manutenção de estado de violência, empregadas por grupos ou por sistemas políticos. Pode-se afirmar que o terrorismo é, pois, uma estratégia, tendo por escopo o estabelecimento de um clima de permanente insegurança na sociedade.

As técnicas terroristas variam muito, passando da violência mais contundente à mais sutil e requintada, criando condições para alterar ou distorcer o comportamento de pessoas, isolada ou coletivamente, tendo, via de regra, como objetivo, forjar uma suposta aceitação por parte do meio social. No contexto histórico, suas raízes remontam do Renascimento italiano, quando se desenvolveram atividades capazes de justificar atentados contra tiranos. No século XVII, a pirataria transformara-se numa forma organizada e poderosa de violência gratuita e roubo que ameaçava um dos poucos pilares da lei internacional: a liberdade nos mares.

Conforme Calebe Carr (2002), Os Estados da Barbária - no norte da África, nos principados muçulmanos livremente aliados ao império otomano - eram nações inteiras construídas efetivamente sobre a pirataria. Carr complementa seu pensamento, afirmando que a pirataria contém muito das características destrutivas do moderno terrorismo e que a semelhança entre aquela e este, em termos de método e eficiência, era tão acentuada que, pelo menos, um grupo de líderes nacionais norte-americanos, no início da República, finalmente chegou a mesma conclusão a que, aparentemente, chegaram os líderes americanos em relação ao terrorismo atual: que não se podia (e não se pode agora) impedir tal comportamento perseguindo e prendendo os agressores individualmente e depois julgando-os como criminosos. (CARR, 2002, p.122).

Na primeira fase da Revolução, cerca de 3.000 pessoas foram presas; tendo a Comuna iniciado uma política anticlerical, acompanhada de confisco de bens eclesiásticos, requisição de palácios episcopais e sinos, ficaram proibidas as procissões e a indumentária religiosa fora das igrejas. (AZEVEDO, 1997, p.363). O clero católico, nesse aspecto, não concordava com a Revolução, assim de 2 a 5 de setembro de 1972, milhares de suspeitos foram eliminados.

Na segunda fase, chamada *grande terror*, os inimigos da Revolução passaram a ser

⁴SIMON, Marcel, BENOIT, Andre. Judaísmo e Cristianismo Antigo de Antioquia Epifania a Constantino. São Paulo: EDUSP, 1987.

julgados por tribunais revolucionários. O objetivo do terror era o extermínio. Sociedades em clubes passaram a exercer poderes de polícia, influenciando até a economia, com a promulgação de lei que estabelecia um valor máximo para gêneros e salários. Uma política de descristianização foi desenvolvida, patrocinada por radicais, tendo como executores, o exército. Robespierre, principal dirigente do terror, utilizou as forças militares para eliminar seus adversários. Em 74 dias, mais de mil e trezentas pessoas foram decapitadas.

Da composição da árvore das três grandes religiões monoteístas do mundo - judaísmo, cristianismo e islamismo - brotam os ramos das guerras religiosas que produziram e continuam a produzir os frutos amargos do ódio eternizado entre as nações, como afirma Carr (2002) em relação aos judeus e árabes na Palestina:

No final de 1930, as comunidades judaicas da Palestina, alarmada com os crescentes apelos pelos árabes para por fim à imigração dos judeus e com as ameaças dos palestinos contra qualquer cidadão ou líder nacional árabe que não apoiasse sua causa, tomaram a trágica decisão de expandir o quadro de membros de dois bandos armados que já defendiam os colonos judeus: O Irgun e sua cria de título bastante adequado, a Gangue Implacável. A ira dos árabes gerara violência e assassinatos na Palestina, mas foram os judeus que trouxeram o terror paramilitar organizado para a região (CARR, 2002, p. 234).

O terrorismo, em síntese, é uma forma de luta que pretende impor um programa de modificações estruturais pela violência e extremismo religiosos procurando obter o apoio popular ante a repressão do poder que deseja desestabilizar.

O terrorismo moderno manifesta-se mediante sequestro de personalidades com vistas ao resgate ou à libertação de companheiros presos; desvios de aviões de suas rotas; atentados à população civil; sabotagem e destruição de instalações. A esses atos se aduzem medidas destinadas a chamar a atenção da opinião pública, através dos diferentes meios de comunicação.

A QUEDA DAS TORRES: UMA FERIDA ABERTA

No dia 11 de Setembro de 2001, a nação americana, símbolo do Estado democrático, foi ferida mortalmente, ao sofrer um ataque colossal imprevisto, em duas de suas mais importantes cidades, Nova Iorque e Washington. Diante do impacto global com a tragédia em Nova Iorque, analisamos diversos jornais publicados após o ato terrorista, visando compreender as várias interpretações de cada pensador.

De acordo com Alan Touraine, esses ataques causam dois sentimentos opostos, mas entre os quais é preciso escolher. O primeiro, mais sociológico, lembra as consequências dos 10 ou 20 anos de hegemonia americana do mundo pós-guerra fria, o aceleração das diferenças sociais, as intervenções estrangeiras, em alguns países. Os americanos, desde Pearl Harbor⁵, na Segunda Grande Guerra, não haviam sofrido um ataque externo de grandes proporções semelhante ao das torres gêmeas e do Pentágono, que foram alvos da tática terrorista.

As torres do World Trade Center simbolizavam a supremacia econômica dos Estados Unidos. Com 417 metros de altura e 110 andares, abrigavam escritórios de 400 empresas de 25 países, onde cerca de 50.000 pessoas circulavam diariamente. Às 8:48 horas de terça-feira, dois aviões da United Airlines, um com 81 passageiros e outro com 56, foram sequestrados e lançados contra as duas torres, levando ambas ao desabamento. O cenário apocalíptico relembra Hiroshima depois da bomba atômica. As vítimas do WTC ultrapassaram 5 mil mortos.

Outro símbolo importante da superpotência, o Pentágono, inaugurado em 1943, e sede do departamento de defesa dos Estados Unidos, agrega os comandos das forças armadas de 14 agências. Franklin Roosevelt juntou ali repartições militares antes espalhadas por 17 edifícios, unificando o trabalho das equipes que traçavam estratégias contra o eixo. Assim, símbolo do poderio bélico norte-americano foi atingido nos locais onde abrigava gabinetes executivos do exército e escritórios da Secretaria de Guerra. A reação norte-americana frente ao atentado evidencia-se, para Edward Luttwak, de maneira

⁵Pearl Harbor, base militar americana no Havaí, atacada na manhã de 7 de dezembro de 1941 pelo Império japonês, precipitando a entrada dos Estados Unidos na guerra. O ataque destruiu grande parte da frota norte-americana, matando aproximadamente 2.403 americanos.

duradoura, não repentina, mas ao longo de vários anos e de diversas formas, buscando cooperação mútua de seus aliados.

O filósofo esloveno Slavoj Zizek⁶, percebe que a fantasia paranoica americana é a de um indivíduo vivendo em uma idílica cidade californiana, um paraíso consumista, indivíduo que, de repente, começa a suspeitar que o mundo no qual vive, seja falso, um espetáculo encenado para convencê-lo de que ele vive em um mundo real; enquanto todas as pessoas à sua volta, são efetivamente atores e figurantes em um programa gigante, ou seja, não é apenas Hollywood que encena uma aparência de vida real privada do peso e da inércia da materialidade. Ainda sob a análise de Zizek, é explícito, na sociedade consumista do capitalismo tardio, a própria “vida social real”, de algum modo adquire características de uma sociedade encenada em nossos vizinhos na “vida real”, agindo como atores e figurantes. Novamente, a verdade máxima do universo capitalista, utilitário e desespiritualizado, é a desmaterialização da própria “vida real”, e a inversão desta em um show espectral.

A sensação de que a sociedade protagonista desse ataque colossal provou, assemelha-se a um fel contido na garganta das sociedades periféricas do mundo, como: Sarajevo, Grozni, Ruanda, Afeganistão e tantas outras. Esse argumento pode ser evidenciado por intelectuais como Barber, sobre os efeitos colaterais do 11 de setembro na sociedade americana, ao afirmar que

Terroristas que vistos de outro modo, não pareciam tão poderosos conseguiram penetrar na imaginação americana, implantando em suas frestas e reentrâncias as sementes de uma ansiedade que se evidencia nos códigos de alerta adotados pelo Governo. Ao confrontar o terrorismo, seja desencadeando guerras no exterior ou organizando a segurança interna, os Estados Unidos acabaram por fazer surgir, como por mágica, o próprio medo que constitui a arma principal

⁶Slavoj Zizek, filósofo esloveno, professor do Instituto de sociologia da Universidade de Liubliana, autor de *Eles não sabem o que fazem* e *Um mapa da ideologia*. Analisa que a queda do World Trade Center ruiu a percepção de que EUA poderiam viver em um mundo de especulações desconectadas da esfera da produção material e força país a atravessar tela fantasmática que o separa do exterior, ou seja, Zizek vê que a paz americana foi comparada por meio de catástrofes que aconteceram em outros lugares. Aí reside a verdadeira lição dos atentados: o único modo de assegurar que não acontecerão novamente é evitar que aconteçam em qualquer lugar.

do terrorismo. Os líderes americanos estão implementando uma militância irresponsável que visa estabelecer um império americano do medo mais terrível do que qualquer coisa que os terroristas poderiam ter concebido. (BARBER, 2004, p. 29).

Xenofonte (431-350 A.C.) descreve sua utilização e medo coletivo na antiguidade. A justificativa daqueles que o promovem tem bases políticas e religiosas, como fica explícito na afirmação de alguns terroristas, como Michael Collis⁷, fundador do IRA, grupo terrorista irlandês: “Nosso principal objetivo é construir uma Irlanda livre. Para isso, o caminho não deve ser fácil nem difícil, mas inspirador e exultante”.

O paquistanês Ramzi Yousef, mentor do primeiro atentado ao World Trade Center, em 1993, confessa: “Sou paquistanês por nascimento e palestino por opção. Minha meta é clara: a destruição de Israel”. Para o ensaísta americano Caleb Carr⁸, esses terroristas não devem ser tratados como indivíduos loucos movidos apenas por razões étnicas, religiosas ou ideológicas. “Eles devem ser enfrentados como realmente são, ou seja, soldados de forças especiais, ligados a exércitos regulares mantidos por governos de nações aparentemente pacíficas”.

É certo que o dia 11 de setembro será lembrado como aquele em que o terrorismo cruzou uma linha divisória, foi longe demais e nunca mais, um ato tão brutal poderá ser encarado com a mesma complacência do passado. Tanto para o terrorismo, como para a causa terrorista, um ato insensato.

O artigo “O Choque de Civilizações”, de Samuel Huntington, publicado no periódico “Foreign Affairs”, em 1993, explicita que a fonte fundamental de conflitos neste novo mundo não será de natureza principalmente ideológica, nem econômica. As grandes divisões entre a humanidade e a fonte predominante de conflitos serão culturais.

Os Estados-nação continuarão sendo os atores mais poderosos nos assuntos mundiais, mas os principais conflitos da política global se darão entre países e grupos que fazem parte de civilizações distintas. Desta forma, o choque de civilizações dominará a política mundial, ou seja,

⁷Depoimentos extraídos da revista *Veja*, edição 1718, ano 34, 19 st. 2001, onde diversos terroristas são citados por causa de sua atuação nos maiores atentados terroristas já ocorridos no século 20.

⁸CARR, Calebe. *A Assustadora História do Terrorismo*. Tradução Mauro Silva. São Paulo: Ediouro, 2002.

as linhas divisórias, entre as civilizações, formam as frentes de batalha do futuro.

A análise de Huntington⁹ é contestada por Edward Said, no artigo “O Choque de Ignorâncias”. Said, um dos principais intelectuais palestinos, radicado nos Estados Unidos, afirma: “Na realidade, Huntington é um ideólogo – alguém que quer transformar “civilizações” e “identidades” em algo que elas não são, entidades, estanques e fechadas, destituídas das múltiplas correntes e contracorrentes que animam a história humana, e que ao longo dos séculos, tornaram possível que essa história não apenas contenha guerras de religiões e conquistas imperiais, mas que também seja feita de intercâmbios, fertilizações cruzadas e partilhas. Assim não surpreende que muçumanos e cristãos não hesitem em falar em cruzadas e jihads, ambos suprimindo a presença judaica, com um pouco caso que chega ser fantástico.

Said, acrescenta - em sua análise - que todos nós estamos nadando nas águas da tradição e da modernidade, tanto muçumanos quanto ocidentais e como as águas fazem parte do oceano da história, tentar ará-las ou dividi-las com barreiras, é inútil. Isto porque a esfera global atual carrega em suas amplas características uma fusão étnica, na qual os grupos humanos buscam uma convivência pacífica nos diversos espaços geográficos, buscando adaptar-se à nova condição e a identificação de cidadania independente da religiosidade, posição, política ou étnica. Todos os árabes e seus descendentes, em todos os estados americanos, sofreriam o estigma étnico e religioso com forte impacto.

Edward Said¹⁰, como importante intelectual palestino, já alertava para a discriminação de seu povo, causada por motivos diversos, como o boicote do petróleo nos anos 70 e o primeiro ataque ao World Trade Center, em 1993. “O sentimento antiárabe, o discurso antiárabe e suas representações, são a última forma consentida de racismo que existe no Ocidente”.

Os atentados transformaram em suspei-

tos de terrorismo, um contingente de 7 milhões de pessoas, número de islâmicos que vivem nos Estados Unidos. É um grupo extremamente diversificado, que derruba vários mitos sobre os muçumanos. Por exemplo, ao contrário do que imagina o senso comum, a maioria não é árabe: 40% são afroamericanos, 30% do Sudoeste Asiático e apenas 30% árabes.

No Irã, terra dos Aiatolás, um fato chamou a atenção da imprensa mundial. A perseguição do escritor Salman Rushdie, britânico de origem indiana, o intelectual foi o autor do polêmico livro; “Os Versos Satânicos”, cuja temática era uma crítica à religião Islâmica e ao profeta Maomé. A obra foi considerada maldita pelo governo de Teerã, que imediatamente levou todo o mundo árabe a considerá-lo inimigo número um dos muçumanos de todo o mundo, promovendo uma perseguição universal, levando o escritor britânico a refugiar-se em esconderijos incertos para escapar da morte anunciada. Após dez anos de perseguição incansável finalmente a sentença foi anulada e Rushdie pôde finalmente viver como um cidadão comum livre do “estigma maldito” e da morte certa. Foi nessa condição que Salman Rushdie,¹¹ no artigo “O Nome do Problema é Deus”,¹² chega à conclusão que tanto na Índia como em qualquer parte do mundo, a religião é um veneno que está intoxicando o sangue, pois onde a religião intervém, a mera inocência não constitui desculpa. Evita-se a discussão do assunto, falando da religião na linguagem moderna e em voga que é a linguagem do “respeito”.

O que há para se respeitar nesses ou em quaisquer outros crimes que quase diariamente são cometidos pelo mundo afora, em nome dessa força temida que é a religião? Quão bem a religião *erige totens*, com que resultados fatais e com que facilidade nós nos dispomos a matar por eles! E, depois que o tivermos feito suficientes vezes, o entorpecimento resultante tornará mais fácil fazê-lo ainda outras. E é assim o problema da Índia acaba revelando ser o problema

⁹A contestação de Said caracteriza-se como um pensamento agressivo, ou seja, para Said, Huntington, é um ideólogo, alguém que quer transformar “civilizações” e “identidades” em algo que elas não são, entidades estanques e fechadas, destituídas das múltiplas correntes e contracorrentes que animam a história humana e que, ao longo dos séculos, tornaram possível que essa história não apenas contenha guerras de religião e conquista imperial, mas que também seja feita de intercâmbios, fertilizações cruzadas e partilhas. (Folha de São Paulo, p.A16. 17 out. 2001).

¹⁰SAID Edward: O choque de ignorâncias. Folha de S. Paulo, São Paulo, 6 out. 2002. Caderno mundo. p. A 16.

¹¹Romancista anglo-indiano, nasceu em 1947 em Bombaim, na Índia. Formou-se no Kings College, em Cambridge, em 1968. Sua obra se elabora a partir da fusão entre ficção, história e política, em particular a experiência cultural indiana. Foi condenado à morte pelo aiatolá Khomeini, então o principal líder religioso iraniano, em 1988, pela publicação de Os versos satânicos, considerado blasfemo.

¹²Publicado no jornal Folha de São Paulo. Caderno Mundo, mar. 2002. p. A29, onde o escritor explicita que as explicações sobre os massacres na Índia não tocam no ponto principal, o papel danoso da religião em geral.

do mundo. O que aconteceu na Índia, aconteceu em nome de Deus. O nome do problema é Deus.

O pensador italiano Umberto Eco¹³ afirma que não adianta lembrar a tolerância dos árabes da Espanha com os cristãos e judeus, enquanto do nosso lado se erguiam os guetos, ou a complacência de Saladino na reconquista de Jerusalém, com relação aos cristãos, do que estes haviam sido como os sarracenos quando a conquistaram. São todas coisas exatas, mas no mundo islâmico, existem, hoje, regimes fundamentalistas e teocráticos que os cristãos não toleram, e Bin Laden não foi misericordioso com Nova York. A Bactriana foi um cruzamento de grandes civilizações, mas hoje os membros do Taleban derrubam as estátuas de Buda a tiros de canhão. Por outro lado, os franceses fizeram o massacre da Noite de São Bartolomeu, mas isso não autoriza ninguém a dizer que hoje sejam bárbaros. “Não incomodemos a história”, pondera o historiador italiano, “porque ela é uma faca de dois gumes”.

Os turcos empalavam (e isto é mau, mas os maus bizantinos ortodoxos arrancavam os olhos dos parentes perigosos, e os católicos queimaram Giordano Bruno; os piratas sarracenos faziam coisas bestiais, mas os corsários de sua majestade britânica, com um tanto de licença, tocavam fogo nas colônias espanholas no Caribe; Bin Laden¹⁴ é inimigo feroz da civilização Ocidental, mas dentro da civilização Ocidental tivemos senhores que se chamavam Hittler ou Stálin. Nesse processo, o problema dos parâmetros não se coloca em chave histórica, mas, sim, em chave contemporânea.

Esses elementos apontados por Eco¹⁵ soam inexoráveis nas sociedades do século 21, sob conflitos, sejam por confrontos bélicos, étni-

cos, religiosos ou políticos. Ao sairmos do século anterior, esperávamos entrar no novo século com uma consciência pautada na perspectiva de construir uma sociedade amadurecida, resistente ao espectro das tragédias vividas no passado, no âmbito dos grandes conflitos. No entanto, o presente século rumo às repartições anteriores em toda a sua essência. É o que Hobsbawm concebe no seu artigo “A epidemia da guerra”.¹⁶ O historiador britânico aponta que o século 20 foi o mais assassino registrado na história. O número total de mortes causadas por ou associadas à guerras foi estimado em 187 milhões, o equivalente a mais de 10% da população mundial em 1913.

Na falta de uma autoridade global efetiva, conflitos armados no final do século 20 embaralharam a distinção entre combatentes e fizeram dos civis as principais vítimas. É um tema a ser debatido, afirma Hobsbawm, o quanto as ações em que as Forças Armadas norte-americanas têm estado envolvidas, desde o fim da Guerra Fria, em várias partes do globo constituem uma continuação da era de guerra mundial.

Hobsbawm,¹⁷ evidencia em uma tentativa de previsão que a guerra no século 21 tende a não ser tão assassina quanto no século 20. Mas a violência armada, o terrorismo religioso acabará criando sofrimentos e perdas desproporcionais que permanecerá onipresente e endêmica – ocasionalmente epidêmica – em grande parte do mundo. A perspectiva de um século de paz é remota.

Pautado nessas observações, o terrorismo moderno, tornou-se uma ameaça endêmica em todas as esferas das sociedades do Oriente e do Ocidente, pós 11 de setembro. Uma nova era, portanto, afetou as sociedades ocidentais: a era do medo, da insegurança. Conforme Bauman, o novo foco sobre o crime e os perigos que ameaçam a segurança corporal dos indivíduos e de suas propriedades tem se mostrado, para além da dúvida razoável, intimamente relacionado ao “clima de precariedade”, seguindo de perto o ritmo da desregulamentação econômica e da correlata substituição da solidariedade so-

¹³Umberto Eco, escritor italiano, nasceu em 1932 na cidade de Alexandria. Autor da famosa obra *O nome da Rosa*, onde construiu uma ficção a partir de seus conhecimentos da história e da estética medieval.

¹⁴O terrorista Osama Bin Laden, provável responsável pelo ataque às torres gêmeas, é o décimo sétimo dos 52 filhos do construtor Mohammed Bin Laden, uma das maiores fortunas da Arábia Saudita, que teve com várias mulheres. Formado em engenharia civil e agronomia, começou sua militância no Islã em 1979, quando o Afeganistão se viu invadido pela União soviética. Laden, tornou-se após o atentado do 11 de setembro o inimigo número 1 dos Estados Unidos. O terrorista financiou o atentado com o próprio dinheiro. Laden afirmava que: “A toda ação corresponde uma forma de reação”. Após dez anos do atentado ao World Trade Center, Osama Bin Laden cai diante da operação denominada “Neptune Spear” (Lança de Netuno).

Sua morte é anunciada pelo presidente americano Barack Obama no dia 2 de maio de 2011.

¹⁵Simplificação gera guerras santas, Folha de S. Paulo, out.2001. Caderno Mundo. P.A24.

¹⁶Artigo publicado no jornal Folha de São Paulo, abr. 2002. Caderno Mais! P. 4.

¹⁷Hobsbawm é, na atualidade, um dos mais importantes historiadores e intelectuais da esquerda. Nascido em Alexandria (Egito) em 1917, estudou em Viena, Berlin, Londres e Cambridge. Sua obra tem por base o esforço de recortar, com enfoque marxista, a trajetória do Ocidente moderno, da queda do Antigo Regime à do muro de Berlim, empreitada que resultou na tetralogia. A era dos impérios, A era do capital e a era dos extremos (Companhia das Letras).

cial pela auto responsabilidade individual. (BAUMAN, 2007, p. 23).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se, por meio desta análise, a trajetória do terrorismo e suas atuações por diversos olhares de intelectuais em relação ao terrorismo moderno e ao atentado que mudou as relações entre Ocidente e Oriente; o 11 de setembro afetou, no presente século, todas as sociedades globais e inseriu uma onda de medo e incertezas, seja nas relações entre nações, seja nas articulações do fundamentalismo religioso das grandes religiões. Mudaram as relações de controle ideológico, outrora orquestrado pelas duas grandes potências vencedoras da Guerra Fria. Socialismo e capitalismo passaram a perder espaço pelo fanatismo e pelo terrorismo moderno, como ferramenta de coerção e de ameaça constante. Mudaram os atores, mas a história volta a nos dar importantes lições: é o que afirma Bauman, em relação à natureza do terrorismo. Conforme esse autor, as armas modernas, concebidas e desenvolvidas numa era de invasão e conquista territorial, são singularmente inadequadas para localizar, atacar e destruir alvos extraterritoriais, endemicamente evasivos e eminentemente móveis, pelos pelotões minúsculos ou apenas pessoas sozinhas viajando com pouca bagagem (BAUMAN, 2007, p. 25,26).

Nessa perspectiva, os grandes exércitos e seu aparato de armas modernas tornam-se ineficazes e a reação aos atos terroristas acabam sendo tão desastrosos quanto fazer a barba com um machado. As guerras contra o terrorismo, declarada depois do atentado ao World Trade Center, já produziu muito mais “vítimas colaterais” inocentes do que o próprio atentado.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Antônio Carlos. Dicionário de nomes, termos e conceitos históricos. In: BARROS, Jose D'assunção. **O projeto de pesquisa em historia**: da escolha do tema ao quadro teórico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

BAUMER, Franklin. **História do pensamento europeu moderno**. Lisboa: Edições 70, 1990. 2. v.

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

CARDOSO, Ciro Framarion; VAINFAS, Ronaldo (Org.). **Domínios da historia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

ECO, Umberto. Simplificações gera guerras santas. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 7 out. 2001. Caderno Mundo. p. A 24.

FRANCO JUNIOR, Hilário. **A Idade Média, nascimento do ocidente**. São Paulo, Braziliense, 2004.

FILHO, Ruy Andrade. **Os muçulmanos na Península Ibérica**: o início da expansão trajetória do século VIII ao XV crentes ou fanáticos? São Paulo: Contexto, 1997.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Caderno Mundo**, mar. 2002. p. A29.

FOLHA DE SÃO PAULO. Bem vindo ao deserto real. São Paulo, v. 12, 2001. Suplemento.

FOLHA DE SÃO PAULO. **A epidemia da guerra**. São Paulo, v.4, 2002. Suplemento.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Notas de uma guerra nada particular**. São Paulo, v. 10, 2002. Suplemento.

GONZALEZ, Justo I. **A era dos altos ideais**. São Paulo: Vida nova, 1981.

HOBSBAWM, Eric. **Sobre história**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

LEWS, Bernard. O Oriente Médio, do advento do cristianismo aos dias de hoje. Rio de Janeiro: J. Zaharded, 1996.

LE GOFF, Jacques. “Documento/ Monumento”. In: _____. História e memória. 5. ed. Campinas: Unicamp, 2010. p. 525-554.

SIMON, Marcel; BENOIT, Andre. Judaísmo e Cristianismo Antigo de Antíloco Epifânio a Constantino. São Paulo: EDUSP, 1987.

SAID Edward. O choque de ignorâncias. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 6 out. 2002. Caderno mundo. p. A 16.

VEJA. São Paulo, n, 1718, set. 2001. Edição Especial.

VEJA. São Paulo, n, 1732, dez. 2001. Edição Especial.

**TERRORISMO MODERNO Y
FUNDAMENTALISMO RELIGIOSO: UNA ERA DE
INCERTIDUMBRE EN EL ÁMBITO GLOBAL**

RESUMEN: La mañana de 11 de septiembre de 2001, inauguró en la historia del siglo 21, la era de las incertezas en las relaciones históricamente ya conflictiva entre Occidente y Oriente. El atentado a las torres del World Trade Center, se ha vuelto al mundo una materialización cinematográfica del terror, donde ideologías religiosas y políticas se mezclaban, reflejando mas una vez en la historia el embate entre dos grandes civilizaciones. Este artículo pretende analizar los antecedentes históricos de las tres grandes religiones monoteístas: cristianismo, islamismo, judaísmo y el terrorismo moderno como herramienta de coerción social. En ese contexto cabe resaltar que el papel de los medios de comunicación tuvo gran relevancia en el sentido de proporcionar a los diversos países del mundo, en tiempo real, una escena "dantesca", donde millares de vidas se volvieron albos. Priorizamos como fuentes varias publicaciones posteriores al evento, donde intelectuales como Umberto Eco, Jacques Le Goff, Slavoj Zizek, Samuel Huntington, Edward Said, Salman Rushdie, Hobsbawm y otros imprimen sus opiniones y perspectivas a partir del gran hecho histórico.

PALABRAS CLAVE: Monoteísmo; Terrorismo; Religión; Embate Cultural.